

A prática do Badminton de duplas na Educação Física

Escolar: Uma análise a partir das relações de gênero

Practice Badminton doubles in Physical Education: An analysis from gender relations

Práctica Bádminton duplica en Educación Física: Un análisis de las relaciones de género

Marcelo Teixeira de VARGAS¹

marcelosjs22ko@hotmail.com

Fábio Machado FERNANDES²

professorfabiomachadofernandes@gmail.com

Resumo

O badminton de duplas na Educação Física escolar, pode ser uma grande alternativa para tratar da coeducação nas aulas de Educação Física. As dificuldades encontradas por diversos profissionais em ministrar aulas com turmas mistas têm motivado educadores a buscarem estratégias que possibilitem o processo de inclusão de gênero em suas aulas e assim trabalhar o esporte de maneira educacional. Nesse contexto, o badminton apresenta-se como ferramenta de integração e socialização para o professor de Educação Física utilizar com seus alunos, culminando assim na “quebra” do estereótipo vinculado à mulher como um ser frágil e dócil.

Palavras-chave: Badminton. Coeducação. Educação Física Escolar. Gênero.

¹ Marcelo Teixeira de Vargas: Graduando em Educação Física - Licenciatura.

² Fábio Machado Fernandes: Professor de Educação Física e Especialista em Psicopedagogia.

Abstract

The badminton doubles in Physical Education can be a great alternative for addressing coeducation in Physical Education. The difficulties encountered by many professionals in teaching classes with mixed classes have motivated educators to seek strategies that enable the process of gender inclusion in their classes and so working the sport of educational manner. In this context, badminton presents itself as an integration tool for socialization and the physical education teacher to use with their students, and culminating in the "breaking" of the stereotype attached to women as a fragile and gentle being.

Keywords: Badminton. Coeducation. School Physical Education. Gender.

Resumen

Los dobles de bádminton en Educación Física puede ser una gran alternativa para hacer frente a la coeducación en Educación Física. Las dificultades encontradas por muchos profesionales en las clases de enseñanza con clases mixtas tienen los educadores motivados a buscar estrategias que permitan el proceso de inclusión de género en sus clases y por lo que trabajan el deporte de manera educativa. En este contexto, el bádminton se presenta como una herramienta de integración para la socialización y el maestro de educación física para utilizar con sus alumnos, y que culminó con la "ruptura" del estereotipo unido a la mujer como un ser frágil y suave.

Palabras clave: Bádminton. Coeducación. Escuela de Educación Física. Género.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo mostrar as dificuldades vividas pelos professores de Educação Física, quanto à realização de aulas com turmas mistas. Nele, a prática do badminton de duplas mistas é apresentada como uma possibilidade para as aulas de Educação Física, permitindo ao professor que trabalhe a coeducação com seus alunos. As diferenças de gênero estão presentes todo dia em nosso cotidiano e, nas escolas elas ficam ainda mais evidentes, devido ao fato de meninas não gostarem de brincar com os meninos e vice-versa. Busca-se aqui, fomentar mais uma possibilidade para que o professor possa ministrar aulas mistas com seus alunos, sem que haja o preconceito histórico-cultural por parte de meninos e meninas. Para isso, a metodologia utilizada neste artigo foi por meio de pesquisa bibliográfica, com a leitura de artigos, livros e demais publicações de autores conceituados.

Badminton e a Educação Física Escolar

O Badminton é um esporte de raquete, com grandes semelhanças ao Tênis, porém como uma diferença peculiar, o mesmo substitui a bola por uma peteca. A prática desse esporte exige do praticante várias habilidades, tais como, agilidade, força física, velocidade, reflexo, flexibilidade e uma grande resistência física.

Segundo (STUBBS, 2012) esta modalidade é disputada individualmente ou em duplas. Os jogadores pontuam ao baterem a peteca cônica por cima de uma rede alta quando ela cai do outro lado da quadra antes de o oponente poder devolvê-la, sendo assim, um jogo de delicadeza ou de explosões de força, com cortadas espetaculares.

De acordo com a Federação de Badminton do Estado de São Paulo (2014), o Badminton moderno tem sua origem na Índia, onde em 1870 oficiais da marinha britânica descobriram um jogo chamado Poona. Estes oficiais trouxeram o Poona para a

propriedade de Badminton, pertencente ao Duque de Beaufort, em Gloucestershire, na Inglaterra, com isso, o Poona passou a chamar-se Badminton. Esta modalidade passou a ser um esporte olímpico somente no ano de 1992, na Olimpíadas de Barcelona, quando aproximadamente 1,1 bilhões de pessoas assistiram aos oito dias de competição na televisão.

Fazem parte do Badminton, a raquete (que pode ser de alumínio, grafite, carbono ou titânio) e a peteca (que pode ser de nylon ou de penas de ganso) e é jogado numa quadra retangular demarcada para simples (13,40m x 5,18m) e duplas (13,40m x 6,10m) e dividida ao meio por uma rede que tem 1,55m de altura. A raquete pesa cerca de 100 gramas e a peteca cerca de 5 gramas. É jogado nas modalidades simples masculina, simples feminina, dupla masculina, dupla feminina e dupla mista. Um jogo é disputado em melhor de 3 games de 21 pontos sem vantagem. Quem ganhar dois games é o vencedor (FEDERAÇÃO DE BADMINTON DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014).

Na Educação Física escolar, o Badminton em duplas mostra-se como uma grande alternativa para o professor, que por sua vez, pode utilizá-lo para integração de meninos e meninas em suas aulas, visto que por ser um esporte com o qual os alunos têm pouco conhecimento, há um nivelamento na aprendizagem, fazendo com que todos possam aprender a jogar o Badminton em poucas aulas.

O principal equipamento do Badminton, juntamente com a peteca, é a raquete, que pesa aproximadamente 100 gramas, e mede cerca de 67 centímetros de comprimento. Este comprimento pode ser um impeditivo na prática escolar, visto que o ponto de atrito da raquete fica a aproximadamente 46 centímetros da única referência da raquete em suas mãos, que é o cabo.

O badminton por ser um esporte onde o contato físico é praticamente inexistente, pode favorecer a prática de meninos e meninas simultaneamente, sendo esta uma forma de possibilitar que todos os alunos participem das aulas, sem distinção de raça, religião, sexo ou do físico dos alunos.

De fácil aprendizagem, atende a distintos níveis de habilidade sendo acessível a todos, inclusive a portadores de necessidades especiais. Sua popularidade no Brasil, ainda limitada, deve-se a alguns entraves básicos. Entre eles, estrutura física, falta de profissionais capacitados, pouca disponibilidade de materiais para a prática e a grande carência de material didático em português, que dificulta o acesso à informação. (JÚNIOR; PALUDO, [201_]).

O badminton em duplas mista pode ter um valor significativo na aprendizagem do esporte, como não é um esporte de contato, permite ao professor a utilização de meninos e meninas como dupla, uma vez que o menino que culturalmente se sobressai na maioria dos esportes, não levaria vantagens em um primeiro momento, tornando a prática ainda mais prazerosa, tanto no quesito escolar quanto no coeducativo.

O jogo em duplas mistas auxilia o professor na busca incessante de aproximar ao máximo as meninas das aulas de educação física, que por questões sociais, acreditam que esportes são “coisas de meninos” e, que elas não devem – ou não querem – participar.

A ideia que se faz do feminino é um corpo frágil, um ser dócil dotado de todos os cuidados possíveis, o modelo de mulher, mãe, dona-de-casa e esposa. Tais ideias nos podem parecer arcaicas, para uma reflexão que busca na educação de hoje a transformação dessas imagens, com vistas a uma transformação social (CEMBRANEL, 2000, p. 4).

Este paradigma que trata da mulher como ser frágil é facilmente rompido com a prática em duplas mista do badminton, tornando este, um esporte que abrange diversos fatores sociais e culturais. O seu estilo de jogo, não privilegia nenhum gênero, facilitando

assim ao professor trabalhar a coeducação de modo que esta privilegie a participação de todos sem distinção.

Sabe-se que, as estratégias utilizadas pelo professor para trabalhar a coeducação devem ser muito bem elaboradas, pois simplesmente juntar meninos e meninas nas aulas de educação física, não é uma garantia de que o preconceito entre meninos e meninas irá diminuir ou acabar. Contudo um planejamento voltado à coeducação, trabalhado em longo prazo, pode trazer feitos positivos na busca pela coeducação nas aulas de educação física. E para isso, o badminton pode apresentar-se como uma ferramenta para o professor, pois se tratando de uma modalidade pouco conhecida no meio escolar, têm a possibilidade de motivar os alunos no conhecimento e aprendizagem do esporte, que diferentemente de outras modalidades, não é excludente.

O professor deve estar atento às fases de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, sempre tomando o cuidado para não queimar etapas. Conforme SESI-SP (2006), a aprendizagem nos esportes de raquete se dá basicamente em quatro fases, sendo elas:

Também chamada de base motora, a primeira fase abrange alunos de sete e oito anos de idade, no qual a aprendizagem dos mesmos se dá por meio de atividades lúdicas, criando ações para o desenvolvimento das potencialidades e experiências motoras do aluno. Nesta fase, deve ser trabalhada com os alunos a interação com os equipamentos da modalidade, bem como o manejo dos mesmos.

A segunda fase é denominada de pré-desportiva, e atende crianças de nove e dez anos, que já podem trabalhar com a combinação de movimentos. Até esta fase, não é indicada a inscrição de alunos em competições, fato este que pode desmotivar algumas crianças em caso de resultados negativos. Nesta fase, correções de movimentos já são possíveis e se fazem necessários.

A terceira fase é conhecida como esportes 1. Aqui comumente se encontram os alunos com idades entre onze e treze anos, que já podem participar de competições, tendo em vista que nesta fase são trabalhadas as técnicas com um pouco mais de especificidade. Contudo, deve haver o cuidado para que o aluno não sofra com possíveis resultados negativos.

A quarta e última fase de aprendizagem motora é denominada de esportes 2, que compreende alunos de treze a quinze anos, cabendo ao professor fazer uma avaliação para verificar qual fase é mais indicada para determinado aluno com treze anos de idade. Neste estágio o aluno já está pronto para participar de competições em um maior nível de concentração e habilidade. Nesta etapa, caso o aluno seja deslocado para treinamentos de alto rendimento, é interessante que o mesmo receba uma boa preparação técnica, tática, física e psicológica.

O professor seguindo estas etapas provavelmente conseguirá despertar o interesse de todos os alunos para a prática do badminton, e aproveitando-se disso, trabalhar a integração de gênero com seus alunos, também de forma lúdica.

Badminton e Aulas Coeducativas

As aulas mistas na educação física têm o intuito de priorizar as atividades para ambos os sexos, porém nem sempre as aulas mistas são aulas coeducativas, pois a coeducação tem como objetivo levar o aluno a trabalhar as mesmas possibilidades e oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças, neste sentido o badminton apresenta-se como uma possibilidade interessante.

A coeducação é entendida como uma prática conjunta com meninos e meninas, com isto, torna-se importante para o campo pedagógico, apesar da maioria dos professores

resistirem às práticas conjuntas, principalmente devido aos interesses distintos dos alunos e das alunas, que em sua grande maioria, optam por não praticar as aulas de Educação Física (OLIVEIRA; DUARTE, 2011).

Conforme Kunz (2006) para que as atividades possam ter o cunho coeducativo, é necessário desatrelá-las dos estereótipos tradicionais, associando determinados movimentos como sendo de meninos e outros de meninas. Nesse sentido, deve-se desconstruir o mito de que determinados movimentos são apenas realizados por meninas, para que assim, a coeducação se efetive na prática.

Desde cedo meninos e meninas aprendem a criar, recriar e imitar papéis dos adultos na sociedade, sempre de acordo com seus respectivos gêneros. Desta forma, as crianças vão copiando os adultos do seu gênero, quaisquer sejam as situações. O menino cresce aprendendo a resolver as coisas fora de casa, como sendo a voz de comando na família, ao ver na maioria das vezes, o pai dando a palavra final em discussões e afins. Do outro lado da moeda, a menina cresce vendo sua mãe como sendo mais frágil, pelo fato de que na maioria das famílias, o pai sai de casa para trabalhar, e a mãe fica em casa para cuidar dos filhos, da casa, do seu corpo, e de demais ações ligadas ao cotidiano familiar.

A separação de gênero nas aulas de Educação Física, conforme Saraiva (2005) surgiu do preconceito imposto pela sociedade, no qual as mulheres tinham papel secundário no mundo esportivo, sendo tratadas como incapazes de realizar atividades ditas “masculinas”. A mulher era considerada frágil, dócil e sentimental, podendo assim somente praticar atividades leves e graciosas. Em contrapartida, os homens praticavam esportes ditos de “machos”, como futebol, basquete e judô, que exigiam muita força e virilidade.

O professor tem como um de seus objetivos promover a integração social do aluno, através das atividades físicas onde as diferenças sejam aceitas. Por isso, é destacado o

campo pedagógico, pois muitos professores resistem a essas práticas em função da distinção de interesses entre meninos e meninas. Contudo, Saraiva (2005) elucida que em muitas escolas as turmas são divididas por gênero, e a maioria dos professores destas instituições o apoiam, pelo fato de assim necessitar de mais profissionais, caso contrário, as turmas sendo mistas, poderiam implicar em uma redução do campo de trabalho para os professores de educação física, uma vez que o Estado poderia contratar menos professores, pois estes poderiam atender meninos e meninas de uma mesma turma.

Para Saraiva (2005) a Educação Física deve ser constituída como um espaço democrático dentro da concepção escolar. Os professores devem trabalhar as diferenças e diversidades de gênero em suas aulas, considerando essencial que a práxis pedagógica tenha finalidade educativa e inclusiva. Sendo assim, é de grande importância discutir com alunos e alunas questões referentes ao gênero nas aulas, pensando numa aproximação dos mesmos.

Os alunos também têm o papel de realizar essa integração social, independente das suas diferenças, acredita-se que aulas mistas só terão seu sentido validado, quando cada aluno for capaz de tirar algo de positivo na realização de uma prática conjunta com uma menina, e vice-versa.

A prática pedagógica co-educativa atrelada a uma pedagogia crítica da Educação Física, apesar dos inúmeros trabalhos publicados, das incontáveis horas de debate, das efetivas intervenções práticas, está muito distante de ser uma realidade consolidada no ambiente escolar. (CARDOSO, 2003, p. 10).

Na prática a coeducação não é um objetivo fácil de atingir, pois exige além de um bom referencial teórico do professor sobre o tema, são necessárias práticas que remetam suas aulas a um momento realmente coeducativo.

Considerações Finais

Com a pesquisa realizada neste artigo, foi possível constatar os caminhos que o badminton pode abrir para que o professor da Educação Física escolar possa trabalhar a integração de gêneros e a coeducação com seus alunos de um modo mais simplificado, utilizando como ferramenta a prática do badminton em duplas mista.

Pelo fato de ser um esporte pouco conhecido no meio escolar e tendo em vista os aspectos elencados no artigo, percebemos que esta proposta apresenta-se como uma boa opção em busca da solução dos problemas de gênero que ainda permeiam as aulas de Educação Física nas instituições de ensino. Cabe ressaltar ainda que o professor é a chave-mestra, podendo abrir caminhos para seus alunos, afim de que os mesmos libertem-se do preconceito cultural já existente em relação ao gênero e a diversidade encontrada no meio escolar.

Diante exposto, fica explícito a importância da Educação Física voltada também às questões sociais e sexuais, no trato com o conhecimento e no restante de sua caminhada escolar e social, valorizando a imagem da mulher, e desmitificando-a como um ser frágil e dócil.

Bibliografia

- CARDOSO, Ana Lúcia. **O futebol da escola: uma proposta co-educativa sob a ótica da pedagogia crítico-emancipatória**. 2003. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Área de concentração: Teoria e Prática Pedagógica – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- CEMBRANEL, Claudete. **Aulas Co-educativas: o que mudou no ensino da educação física**. 2000. 20p. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/5171/20395>>. Acesso em: 26 set. 2014.
- FEDERAÇÃO DE BADMINTON DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.febasp.org.br/index.asp>>. Acesso em: 25 set. 2014.
- JÚNIOR, Marcos Antônio Fati; PALUDO, Denise Beffart. **Projeto Badminton Júnior**. Palhoça: Guarani Sport, [201_]. 126p.
- KUNZ, Elenor (Org.). **Didática da educação física 1**. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. 160p.
- OLIVEIRA, Flávia Fernandes de; DUARTE Cátia Pereira. **Gênero e Sexualidade nas Práticas escolares**. Disponível em:
<http://www.pibid.ufpr.br/pibid_new/uploads/edfisica2011/arquivo/267/Discurso_meninos_meninas.pdf>. Acesso em: 25 set. 2014.
- SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito**. 2. ed. Ijuí: Unijuí, 2005. 200p.
- SESI-SP. **Programa SESI atleta do futuro: perspectivas da inclusão e diversidade na aprendizagem esportiva**. São Paulo: SESI, 2006. 296p.: il.

STUBBS, Ray. Consultor editorial. **O livro dos esportes:** os esportes, as regras, as táticas, as técnicas; [tradução de Alexandre Tuche et al.]. Rio de Janeiro: Agir, 2012. 448p.: il.